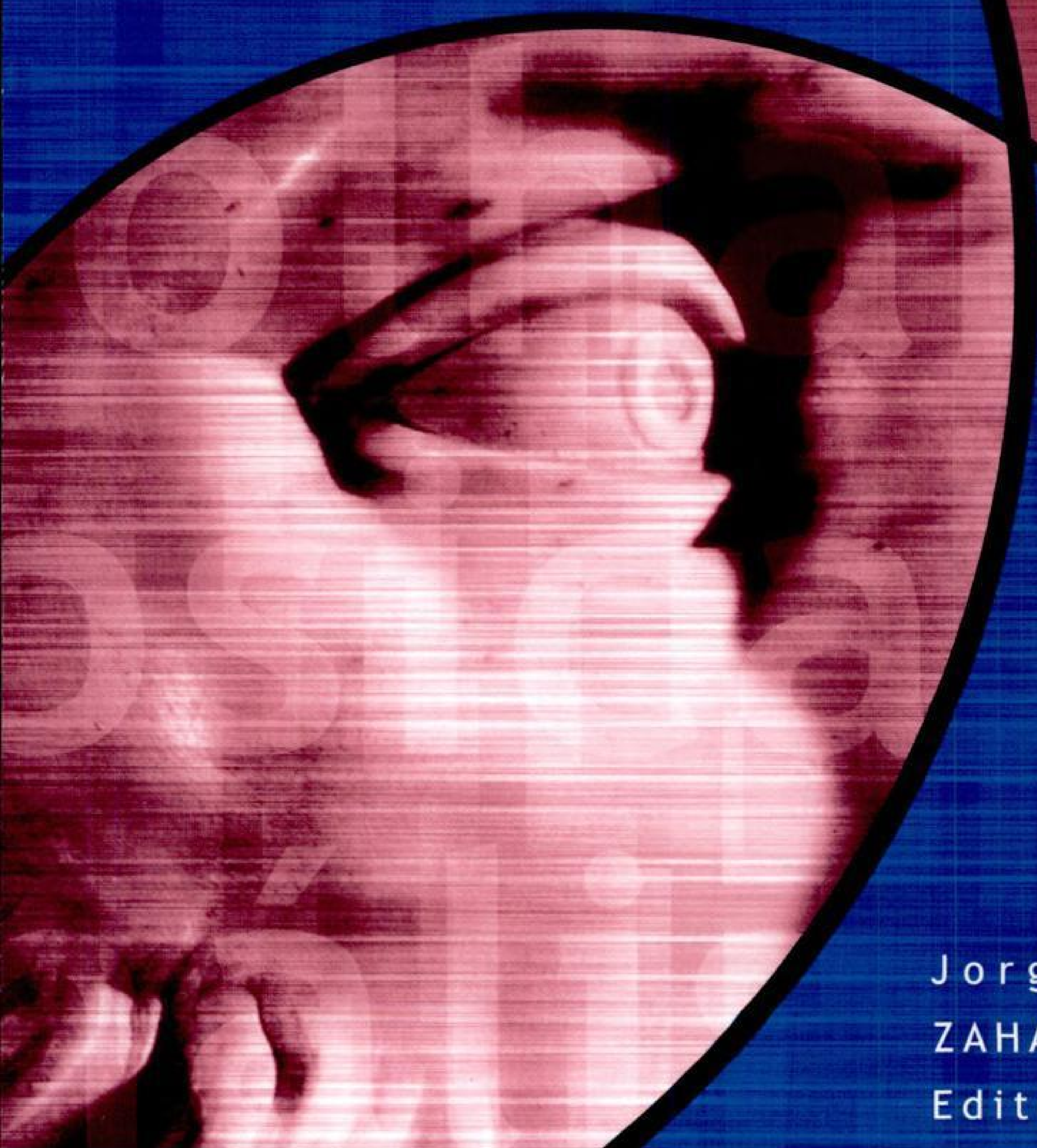
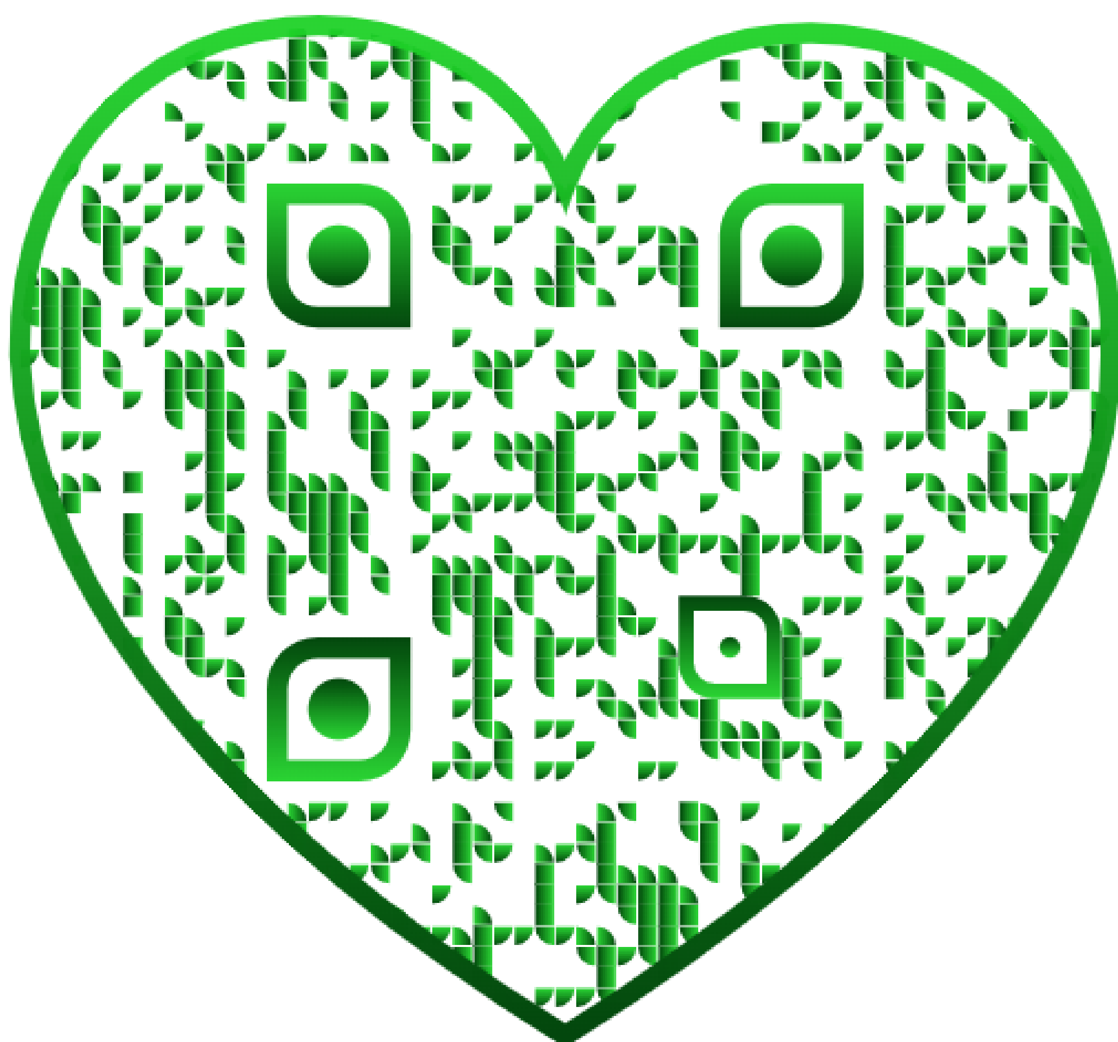
J.-D. Nasio

O Olhar em Psicanálise



Jorge ZAHAR Editor

Material com direitos autorais



Título original:
La mirada en psicoanálisis

Tradução autorizada da primeira edição espanhola
publicada em 1992 por Editorial Gedisa, de Barcelona, Espanha

Copyright © 1992, Juan-David Nasio
Copyright da edição em língua portuguesa © 1995:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Composição eletrônica: TopTextos Edições Gráficas Ltda.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Nasio, Juan-David
N211o O Olhar em psicanálise / Juan-David Nasio; tradução Vera Ribeiro. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
(Transmissão da psicanálise)

Tradução de: La mirada en psicoanálisis
Seminário proferido em 1º e 2 de agosto de 1987, na Aula Magna da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires.
ISBN 85-7110-303-8

1. Psicanálise. 2. Comunicação não-verbal — Aspectos psicológicos. 3. Interpretações psicanalíticas. I. Título. II. Série.

CDD — 616.8917
94-0003 CDU — 159.964.2

Material com direitos autorais

Prefácio

Os prefácios, quase indefectivelmente, fazem parte dos livros. Suas características são muito diversas, e também suas pretensões.

Este, portanto, cumpre com esse requisito comum, mas pretende ainda historiar minimamente o texto com que o leitor irá encontrar-se depois.

Em primeiro lugar, trata-se de um Seminário. Os leitores psicanalíticos — e também muitos dos que não o são — sabem que a forma de transmissão chamada "seminário" tem uma história já fecunda e profusa em nosso campo, a qual não esgota sua continuação. Jacques Lacan impulsionou seu seminário durante muitos anos e estabeleceu um precedente, deu um nome específico a um modo de transmitir, e constituiu um modelo no tocante à propagação da teoria analítica.

Antes ou depois, mas nunca do mesmo modo a partir desse marco na história da psicanálise, os seminários são um espaço e um tempo peculiar.

Juan-David Nasio também sustenta essa dimensão há vários anos, em Paris; de igual maneira — menos habitualmente, porém sem interrupção —, tem realizado em Buenos Aires seus seminários sobre temas distintos.

O olhar é, evidentemente, um problema que o tem ocupado — e certamente o ocupará — ao longo do tempo. Foi de início em Paris que Nasio desenvolveu durante dois anos seu dizer e seu fazer sobre a questão escópica. Dizer é o habitual; e fazer, no que seu seminário não se limitou à palavra, mas se completou com a construção de maquetes, a projeção de diapositivos e a proposição de gráficos e

Material com direitos autorais

esquemas. Diríamos que, nesse seminário, a visão foi dirigida para "seres" imaginários, que ocuparam seu lugar no espaço. Talvez precisamente por se tratar do olhar é que isso ocorreu dessa maneira. Ante o mais imperceptível e o menos apreensível, os objetos foram dados a ver.

Em agosto de 1987, na Aula Magna da Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires e durante dois dias de trabalho, o seminário colocou-se em palavras e em mostras diversas: os objetos, em sua proposta de espacialidade concreta — como no caso da garrafa de Klein —, puderam ser percorridos pela visão e pelo tato, provavelmente, como dizíamos, para possibilitar uma outra ordem de compreensão, dado que o inefável do olhar não consegue penetrar facilmente na intelecção humana.

O texto com que nos deparamos conserva todo o frescor próprio do dito, respeita seu tempo, segue os percursos do diálogo do autor com seu público. Nele se conservaram o modo e o estilo peculiar daquele que discorreu, sem a pretensão de transformá-lo num texto-letra, que não esteve em sua origem. Seu destino inicial não era esse, mas, não obstante, assim se decantou.

Supõe-se que seja imperfeito, e seguramente o é — donde cabe perguntar como seria um texto perfeito. Está aberto, como merece, a tudo o que seu autor ainda tenha a dizer acerca do tema e a tudo que cada leitor possa também acrescentar com suas colaborações.

Da palavra dita à letra escrita — em sua transposição bastante trabalhosa —, colaboraram vários dos participantes dos "Grupos Clínicos de Buenos Aires". A eles se devem as supostas imperfeições e também, neste caso e no tocante a esta versão, o fato de que, hoje, estas letras — que continuarão a ser sempre as de seu autor — se coloquem em preto no branco.

Muitas vezes esquecemos um gesto necessário: não basta obter este objeto tão extraordinário que se chama livro, não chega percorrer suas páginas, não é suficiente concordar ou não com o que nele se diz — sobretudo quando essa obra está destinada a uma teoria que se faz prática em nosso trabalho clínico. O gesto esquecido é o de agradecer — além das dissidências ou concordâncias

Material com direitos autorais

— a quem decide brindar-nos com uma possibilidade a mais de abrir caminho em nosso pensamento, como propôs alguém, "sempre aberto e em movimento".

ANA MARÍA GÓMEZ
Buenos Aires, maio de 1992

Material com direitos autorais

Juan-David Nasio: Antes de mais nada, quero agradecer às numerosas instituições, todas elas muito importantes em nosso âmbito psicanalítico, por haverem patrocinado este seminário. Para mim, psicanalista argentino, é realmente uma honra muito significativa que o trabalho que faremos juntos nestes dois dias receba tão prestigioso reconhecimento. Quero incluir neste agradecimento inicial três instituições que não são psicanalíticas, mas que contribuem para o desenvolvimento da psicanálise na Argentina. Refiro-me às três editoras, Amorrortu, Gedisa e Nueva Visión.

Além disso, porém, teria sido impossível nos reunirmos hoje aqui sem a estreita colaboração de muitos colegas e amigos, não só de Buenos Aires, mas também de Rosario, Tucumán, Córdoba, Mar del Plata etc., que estão hoje aqui presentes. Foi toda essa colaboração que permitiu a organização e a difusão disto que nos reúne, tornando-o possível.

Algumas das questões que vamos abordar foram propostas no modelo do Seminário Psicanalítico de Paris, e esse material — parte dele — foi estabelecido, em sua versão espanhola, com a ajuda da Sra. Ana Bedouelle.

Tenho a meu encargo, portanto, a responsabilidade de proferir este seminário, mas não posso dizer que ele me pertença exclusivamente. A preparação destas reuniões foi tão intensa que vocês, aí onde estão sentados, não podem imaginar.

Foi um trabalho muito intenso, cheio de momentos agradáveis e difíceis, a tal ponto que eu diria que este seminário pertence também aos sete colegas da Comissão Organizadora. Gostaria de nomeá-los: Oscar D'Amore, Ana María Gómez, Graciela Graham, Susana Jo-

Material com direitos autorais

nis, Liliana López Santiso, Elisa Nudman e Aída Saks, que acaba de me apresentar. Eu diria que, neste instante inaugural, minha palavra é também a deles. A partir de agora, o melhor que poderíamos esperar, o que peço a vocês que esperem, é que esta palavra seja também a de vocês, que não seja somente a minha.

Muitos dos que estão presentes aqui participaram de outros seminários e de outras atividades que realizamos em conjunto. Vocês sabem que, num seminário, o que entra em jogo, fundamentalmente, é a possibilidade de que haja um intercâmbio, de que não se trate apenas da palavra de quem o profere, mas que esteja presente a palavra de vocês, de modo a que se crie um âmbito de trabalho compartilhado. Isso é o que me estimula. Para mim, o seminário dependerá, não tanto do que preparei, mas de como vocês o recebam.

Por isso lhes peço, é meu desejo mais firme, que intervenham, perguntem, observem e que façam comentários. Creio que um seminário não é apenas informação, implica mais duas coisas: primeiro, a possibilidade de ajustar o sentido de termos e nomes que empregamos habitualmente; este seminário deve ser uma oportunidade de que as palavras, os termos teóricos que eu propuser, sejam ajustados e precisados. De vermos como vocês os manejam, como determinam seu modo de trabalhar a prática, como os incluem na elaboração teórica, em seu pensamento e na reflexão. Ou seja, este seminário tem como objetivo não apenas informar, mas também o que eu chamaria de ajustar o sentido de um nome.

Que é a construção de uma teoria? Creio que a construção de uma teoria é um processo de dar nome a fatos da experiência. Uma teoria constrói-se com nomes que definem — não Freud, nem Lacan, nem Melanie Klein —, são nomes que se definem numa comunidade psicanalítica. E esses nomes designam, denominam um fato da experiência. Esse nome terá vários sentidos e definirá prontamente um campo de sentido, um campo semiótico que irá depender da relação com outros nomes dessa mesma teoria.

Em síntese, o processo de construção de uma teoria é:

— dar nome
— definir sentidos
— ligar o nome a outros nomes.

Material com direitos autorais

A segunda função de um seminário é poder ajustar o sentido desses nomes e ligar um nome a outro.

No entanto, creio que é incompleto pensar que sejam exclusivamente essas as funções de um seminário. Além de informar e fazer um acordo — não encontro palavras mais exatas —, dar contornos mais precisos aos nomes, no trabalho de dar sentido, entendo que há outra função de um seminário, que é a função ideal. Muitos de vocês fazem, fizeram ou farão seminários no futuro, terão que expor uma reflexão, uma conclusão, um trabalho. O mais importante, quando alguém tem que dar conta de uma reflexão, é que o que ele diga não valha pelo conteúdo do que ele disser; o valor de dizer algo não está nesse algo que se diz, mas no próprio fato de dizê-lo.

Para mim, o valor maior deste seminário, o ideal — às vezes se consegue, às vezes, não —, é que o modo como eu o diga, o ato mesmo de eu dizer meu seminário, de falar, como faremos neste dia e meio, que nisso se articule a transmissão. A transmissão se articula no modo como a teoria está presente em mim. Porque, na medida em que isso seja transmissível, haverá, no melhor dos casos, idealmente, uma incidência no trabalho de vocês com seus pacientes.

Quando falo como estou falando agora, minha intenção, que é totalmente imaginária, é a seguinte: eu me dirijo a vocês, mas, além disso, é como se sentisse por trás de vocês todas as pessoas, os pacientes, a experiência que vocês estão fazendo nos hospitais, no consultório particular, no ensino etc. É como uma relação em série, como nas corridas de revezamento, há um bastão que se passa, como se eu lhes passasse um bastão e soubesse que vocês o passarão adiante, e que, por sua vez, ele voltará para mim. Ou seja, há um trabalho de relação, como nas corridas de revezamento. Numa palavra, o valor do seminário — por que não dizê-lo? — é aquilo que espero, o que sonho, o melhor: não está tanto em informar, já estará bem se conseguirmos ajustar os termos, mas o que posso esperar como o melhor é que o que digo seja dito com tal força, com tal ato, que determine atos em vocês.

Passemos então ao problema do olhar. A primeira observação é, como me disse recentemente, numa entrevista no rádio, um jornalista muito culto: "Como é que o senhor vai falar do olhar em

Material com direitos autorais

psicanálise, se, como psicanalista, o senhor fica sentado numa poltrona, o paciente, reclinado num divã, e não há olhar nessa situação? Quando muito, o psicanalista pode olhar para o paciente recostado, e assim, como se explica que o senhor pense no olhar em psicanálise?" Isso pareceria um tema pouco importante, se nos limitássemos ao momento em que o psicanalista olha para o paciente quando vai buscá-lo na sala de espera, ou quando o cumprimenta para se despedir dele.

Certamente, há que assinalar aí uma diferença muito importante: o olhar, na experiência da análise, não é sinônimo de ver na análise. Ver não é, para os analistas, o mesmo que olhar. Na experiência da análise, no dispositivo analítico, não se vê, mas se olha, e esses são momentos muito presentes na prática do analista.

Então, no dispositivo da análise não se vê, mas se olha. Isso não impede que haja momentos em que se vê — por exemplo, quando o analista na poltrona vira a cabeça e vê o corpo do paciente. Isso é importante e, às vezes, é até preciso ver o corpo do paciente. Que está acontecendo, como se mexe esse corpo? Há momentos em que, sem escutarmos nada, o movimento da cabeça do paciente nos mostra que ele está chorando, por exemplo. Quantas vezes estamos escutando e não nos damos conta de que o paciente está chorando, e, ao virar a cabeça, percebemos que está gemendo, chorando. Pode-se ver o paciente ao cumprimentá-lo, na chegada ou na saída. São momentos importantes na análise, por exemplo, quando alguém chega para a sessão e diz: "Hoje não posso me deitar..."; são momentos de angústia muito particulares numa análise, e aí está a visão, é claro, não a excluo e lhe dou grande importância, mas aí ainda não se está olhando. Aí se vê, mas não se olha. Em contrapartida, quando o analista está sentado em sua poltrona sem ver o paciente — no dispositivo analítico clássico —, o analista olha e o paciente também olha. Esta é uma das proposições que lhes quero fazer.

A visão não é o olhar. O primeiro texto que distingue isso nitidamente é o seminário dos anos 63/64 de Lacan; é claro, um oftalmologista também lhes dirá que há uma distinção entre visão e olhar. Ele dirá: ver é ver o mundo que está diante de nós, e olhar é fixar

Material com direitos autorais

a vista num detalhe, num aspecto particular daquilo que estamos vendo.

Essa distinção existe no dicionário, na teoria fisiológica ou na teoria oftalmológica, e nós a retomamos, porém de um modo totalmente diferente. Ver não é olhar, mas eu diria ainda: é preciso que a visão seja excluída do espaço da sessão analítica para que o olhar tenha maior potência, para que o olhar seja um olhar forte e poderoso.

Eu o diria assim: a cegueira parcial dos olhos, provocada pela posição estendida no divã, contrasta com a luminosidade psíquica de um olhar inconsciente, irradiante, e esse olhar inconsciente está no núcleo de muitas das manifestações clínicas que conhecemos, como, por exemplo, as fantasias, a lembrança encobridora, o já-visto, a cegueira histérica, os atos perversos ou a alucinação visual.

O paradoxo seria: é preciso que a visão dos rostos, que a visão em geral seja espacialmente excluída, para permitir que surja um olhar inconsciente. Esse olhar, nuclear em formações psíquicas como as que acabo de nomear, pode surgir de duas maneiras: seja como o ato de olhar, seja como a satisfação que esse ato proporciona. Quer dizer, temos que fazer duas grandes distinções, que, como toda distinção, são artificiais:

a. por um lado, a diferença entre olhar e visão, e eu acrescentaria: a diferença entre olhar e visão e a fascinação.
b. por outro lado, vemos que dentro do mesmo termo, "olhar", existem dois sentidos que comumente se confundem na língua:

1º sentido: o olhar enquanto *ato perceptivo* de fitar. Vejam no dicionário, diz-se ali: "captar com o olhar, lançar um olhar"; há algo do movimento ativo, há algo da ação, do ato.

2º sentido: o olhar enquanto *satisfação* do ato. Não mais o ato, porém a satisfação dele mesmo. O dicionário diria: "olhares expressivos", olhares que marcam tal ou qual coisa, tal ou qual sentimento, tal ou qual posição subjetiva. O olhar já não é a ação, é o peso tensional, subjetivo; eu o chamaria de satisfação que está implícita no ato de olhar.

Material com direitos autorais

Em psicanálise, mantemos essa distância. Vamos mantê-la ao longo deste trabalho.

O olhar como *ato* foi descrito pela teoria metapsicológica da pulsão no texto de Freud, *As pulsões e suas vicissitudes*. Aparece ali, nitidamente, como um movimento, como o movimento de um ato, como a curva de um movimento que tem um início e um fim. Ou seja, o olhar, enquanto ato, é descrito desde a metapsicologia como *ação pulsional*.

O olhar, enquanto *satisfação* do ato, remete à idéia de uma *energia*. Vamos devagar. Estou empregando termos que eu mesmo não abraço — por exemplo, "energia" — mas, progressivamente, iremos centrando a questão. O mesmo acontece com o termo "satisfação" — que remete à idéia de energia —; vocês verão como vamos ter que apagá-lo.

O olhar, então, enquanto satisfação, remete à idéia de energia, da energia desse ato, da tensão desse ato; e essa energia é uma energia que se perde à medida que o ato se desenrola. Essa energia não apenas se dissipa (vai-se dissipando ao longo desse movimento do ato), como também é a causa do ato. Isso está presente em todos os atos pulsionais inconscientes — o olhar, a voz, não importa —, sempre funciona do mesmo modo. A energia do ato é uma energia que se perde, que se dissipa, e ao mesmo tempo determina, sustenta, mantém o desenrolar do ato e faz com que o ato se cumpra.

Então:

— o *olhar como ato* é a curva do movimento,
— o *olhar como satisfação desse ato* remete à idéia de uma energia que se perde e que está no núcleo, que sustenta, que é causa — essa é a palavra exata.

Esta última acepção do olhar, como satisfação produzida e produtora do ato, vamos chamá-la — de acordo com Lacan — de gozo. Mais exatamente, gozo-objeto; e, ainda mais exatamente: objeto *a*. Há uma energia do ato. Primeiro a chamamos "tensão", depois, "satisfação", e agora, "gozo", termo que pertence à teoria de Lacan.

Esse termo já tem um sentido, já é um nome, mas é muito vago. Vamos precisá-lo: gozo objeto ou objeto *a*. Logo falaremos disso.

Material com direitos autorais

Sintetizando: o olhar que aparece, seja como ato, seja como movimento, é uma ação — o olhar agarra —, ou então, é a satisfação desse ato.

Freud — para que tenhamos um termo comum, conhecido não só pelos leitores de Lacan — chamaria esse olhar de energia, satisfação; ele o chamaria "objeto da pulsão", o olhar como objeto da pulsão. Portanto, temos o olhar como ato e como objeto pulsional, ou então, o olhar como ato pulsional e como uma das maneiras de gozar na análise. Olhar é gozar na análise; um dos modos pelos quais se goza na análise é olhando.

Por que me interessa o olhar? Por que trabalho esse tema?

Esta é outra questão sempre presente quando faço um seminário, e há que propô-la: a que tipo de dificuldade responde o que se vai dizer? Qual é a pergunta que sustenta o trabalho? Será que se trata de um capricho?

Não, não é um capricho, como não o é nenhum dos temas que trabalhamos a cada vez que elegemos estudar algo, ou contribuir, a nossa maneira, para a psicanálise. Os temas que escolhemos estão sempre ligados à experiência com nossos pacientes, à experiência pessoal, são "temas-sintoma". Um dos temas-sintoma, típico para mim, é o fim da análise. O tema do final da análise é um tema manifestamente típico do que é um sintoma entre o analista que trabalha e um texto que ele prepara.

O problema do olhar me interessa, e eu gostaria que interessasse a vocês, pois já não se trata de estudar as formações psíquicas que acabamos de mencionar: sonhos, fantasias, lembranças encobridoras etc. Interessa-me ver como o olhar surge, como emerge no analista quando ele trabalha.

A formação psíquica, escópica, visual de que estou falando ocorre no analista quando ele escuta. Ao ouvir as palavras do analisando — às vezes, seu silêncio —, surpreendo-me representando mentalmente para mim, com uma nitidez muito particular, uma imagem que condensa de maneira muito compacta a significação inconsciente do que escuto. O analista está escutando — talvez vocês tenham passado por essa experiência, é preciso estar numa posição muito particular de escuta — e, de repente, sem que ele tenha

Material com direitos autorais

controle e sem que isso dependa de sua vontade, impõe-se mentalmente a ele uma imagem que está ligada — digo-o dessa maneira, dando um grande salto — à imagem da significação inconsciente do que ele escuta.

Não se trata de uma imagem que represente as palavras ou o sentido do que escuto; não. É uma imagem que não tem quase nada a ver com o que é dito, no sentido dos enunciados do paciente; é uma imagem completamente surpreendente, quase anômala em relação ao sentido do que se escuta.

Isso não é muito freqüente, não ocorre sempre, mas me pareceu importante trabalhá-lo, nomeá-lo, e é o ponto aonde eu gostaria de chegar: poder elaborar, entender o que é essa experiência de um analista a quem se impõe uma imagem, de um modo surpreendente. Creio que essa experiência é uma das expressões clínicas mais puras do ato inconsciente de olhar e, correlativamente, uma das raras circunstâncias na análise em que o gozo de olhar apresenta-se diante do psicanalista sob a forma de uma imagem fascinante, espontânea e de extrema vivacidade sensorial.

Tínhamos dito: visão-olhar e fascinação. Devemos compreender que o ato de olhar não pode desencadear-se, desenrolar-se e se concluir, não pode haver o gozo de olhar nem o ato de olhar, a não ser sob certas condições muito específicas, que chamamos as condições da visão.

A visão é o contexto em que se desenvolve, emerge, surge o olhar; e é precisamente no campo global da visão — formado de imagens — que vai surgir o olhar, num momento particular: o momento da fascinação.

Frente a uma coisa visível, por exemplo, este microfone, a visão consiste na percepção desta coisa pelo eu, mas, para o psicanalista — diferentemente do oftalmologista —, ver não é ver uma coisa, mas uma imagem. Não vemos coisas, vemos imagens. O mundo que vemos — para a psicanálise — é um mundo de imagens, não é a coisa em si. E quem vê não somos nós, não são os olhos do corpo, quem vê é o eu.

O eu, portanto, percebe imagens — e aqui vem a complicação —, imagens que, uma vez inscritas no eu, uma vez recebidas pelo eu, convertem-se na substância do eu. Ou seja, entre o eu e o mundo

Material com direitos autorais



Há um filósofo — Henri Bergson — que diz muitas coisas que me interessam; ele é muito pouco lido, mas ocorre que me dá alento, em primeiro lugar, por seu rigor e clareza admiráveis, e em segundo, por certas questões, tais como o fato de que, em 1901, ele era um dos homens que falava do inconsciente; ao mesmo tempo que Freud publicava *A interpretação dos sonhos*, já nesse momento Bergson estava falando do inconsciente.

Bergson era um homem muito especial, que fazia parte da Comissão de Estudos dos Fenômenos Parapsíquicos, em Londres, questão a que se dava grande importância naquela época. Esse autor tem uma teoria muito interessante do imaginário, que tem muito a ver com o que estamos dizendo hoje, e o que estou dizendo hoje é absolutamente lacaniano; um bom leitor de Lacan concordaria em que há na dimensão imaginária uma continuidade entre o eu e a imagem. Isso é da mais pura essência lacaniana.

Voltarei a Bergson num momento.

Repito, para que nos entendamos: há uma função de desconhecimento do eu. Frente a um homem e sua imagem no espelho, temos vários pontos de vista:

1) O do psicólogo ou do fisiologista, que dirão: "esse homem não é a imagem." É o que faz a mãe quando diz ao filho: "Você não é a imagem" — o que Dolto aconselha; nisso, Dolto desempenha a função do psicólogo, e está certa, é o que eu faria com meu filho. Todos fazemos isso.

2) Da perspectiva da psicanálise, essa pessoa que vê a imagem não é uma pessoa, é um eu, e a imagem que está diante dela faz parte desse eu. O eu é feito de imagens. É preciso imaginar esse espelho e o eu, não como algo separado, mas como um contínuo entre os dois.

O eu não sabe, desconhece, portanto, que faz parte da imagem e que a imagem faz parte dele. O que Bergson diz — e é uma idéia muito difícil de aceitar, mas podemos chegar a fazê-lo, de acordo com o percurso que estamos trilhando — é o seguinte: "eu não vejo essa jarra, estou nessa jarra." "Eu, percebedor-percipiente, estou

Material com direitos autorais

na imagem da jarra." Isso é muito interessante de trabalhar, porque, na perspectiva do imaginário, o eu é a imagem percebida, o eu está na imagem percebida, e essa imagem percebida é o eu.

Numa palavra, a visão se liga — psicanaliticamente — à percepção das imagens efetuada por um ser imaginário — o eu —, alienado no imaginário. Mas ocorre que nem todas as imagens captadas pelo eu são equivalentes. O eu não acolhe, não recebe, não percebe todas as imagens. Por exemplo, eu estou falando, e aí estão essa jarra, esse microfone, essa tela etc. Eu os vejo, mas não posso dizer que quem os vê é o eu; o eu não percebe imagens quaisquer, percebe apenas aquelas em que se reconhece. Ou seja, o eu percebe imagens pregnantes, imagens que, de longe ou de perto, reflitam o que ele é, essencialmente.

Que entendemos por imagens pregnantes?

Pregnância é um termo que vem da fenomenologia e, em particular, da teoria da forma, que, por sua vez, é influenciada por Husserl; é também um dos conceitos em que se baseia o matemático René Thom em sua teoria das catástrofes. Uma teoria matemático-físico-algébrica, construída para explicar, para formalizar certos fatos, por exemplo, uma mudança na evolução animal ou numa planta, ou para dar conta, também — esse é um exemplo que ele sempre dá —, da diferença que existe, do ponto de vista da álgebra, entre o momento em que um animal caçador persegue a presa e o momento em que a come. Thom se vale, para isso, da expressão "pregnância".

Não a tomo nem da teoria da forma nem da teoria das catástrofes, mas me valho dela porque me parece adequada para definir as imagens em que o eu se reconhece. Digo imagens pregnantes para diferenciá-las das outras, comumente visíveis.

A pregnância, portanto, é uma das tantas modalidades que o sentido adota. Não o sentido em sua acepção fisiológica de sensível, nem em sua acepção lingüística de ser dentro de um signo, mas em sua acepção psicanalítica de ser o efeito produzido quando uma forma imaginária — seja qual for — provoca o prazer de nos ajustarmos a ela e, acima de tudo, de nos reconhecermos nela. Chamamos pregnantes a todas as formas que adquirem sentido para o eu.

Material com direitos autorais

Em psicanálise, a palavra sentido resume-se num só: o sentido sexual.

Todo reconhecimento do eu nessas imagens pregnantes vem a ser, em última instância, um reconhecimento enquanto eu como ser sexual.

Detenham-se no que fizemos até agora. Suponham que estamos num auditório como este. Há vários panos no palco do teatro. Primeiro pano: vejo o mundo; a cortina é o mundo e não distingo mais nada. Abro o primeiro pano e deparo com um segundo, e digo: o mundo não são as coisas, o mundo são imagens. O segundo pano é o mundo das imagens, ou o mundo são imagens. Abro o segundo pano, deparo com um terceiro, e digo a mim mesmo: não apenas o mundo não são coisas, não apenas não são imagens, como também o mundo, para o eu, são apenas as imagens em que ele se reconhece, imagens pregnantes.

Se vejo esta jarra e digo: vejo esta jarra como uma imagem pregnante, em que caso esta jarra seria uma imagem pregnante? Ela seria uma imagem pregnante se eu dissesse prontamente: "esta jarra tem uma forma curva e me faz pensar no corpo humano"; ou se eu dissesse — segunda variante —: "gosto dela porque, quando a pego — ela tem uma alça, trata-se inclusive de um problema táctil, a coisa está em agarrar —, ela é igual à jarra de minha avó, com que ela servia suco no jardim", ou então, "desta jarra, gosto do barulho da água quando cai". Todas essas são imagens pregnantes, ainda que isso seja levado ao problema do som e do tato. O eu percebe todas as formas imaginárias, sejam elas sonoras, tácteis ou, sobretudo, visuais, em que se reconhece.

Reconhecer-se não quer dizer que "isso é o mesmo que eu", mas que esse objeto desperta prontamente um sentido ligado ao eu. E sentido quer dizer: ajustar-me à imagem desse objeto, reconhecer na imagem desse objeto algo que está ligado a minha história, a minha impressão, a minha sensação.

Aí, o psicanalista dirá: esse sentido é sexual. Pode-se aceitar isso ou não, mas, quando as coisas se apresentam de maneira tão clara, muitas vezes nos perguntamos se realmente é admissível dizer: "esta jarra me recorda um momento de minha história", e que isso tenha um sentido sexual.

Material com direitos autorais







Tudo isso parte da idéia do Édipo e da castração.

A castração é uma operação, uma ameaça, cujo objeto ameaçado não é o membro sexual; o ameaçado no menino é a qualidade fortemente investida e imaginária do membro sexual. Não se ameaça o pênis, mas sim um certo pênis imaginarizado, fortemente investido. E o que é ameaçado na castração é esse membro sexual, que já não é sexual. O lugar do membro sexual é um lugar muito carregado, com uma grande carga afetiva, diria Freud, com uma grande carga imaginária, ou seja, é o falo imaginário.

Esse pênis, carregado de forte tensão imaginária, chama-se, na teoria lacaniana, falo imaginário; o objeto da castração não é o membro sexual, é o falo imaginário. O eu é um ser sexual na medida em que se identifica com o falo imaginário.

Lacan teria dito, numa frase completa: o falo imaginário é o objeto de uma castração simbólica. Mas deixemos a castração simbólica; vamos ao falo imaginário. O objeto da castração é o falo imaginário, ou seja, não é o membro sexual, mas sim esse sexo que não existe como tal, que é simplesmente o lugar fortemente investido que se chama falo imaginário; tampouco é o falo simbólico. É com esse falo imaginário que o eu se identifica. Então, retomando a definição, o narcisismo secundário será: amar a mim mesmo através de imagens como amo a meu sexo, ou como me amo enquanto sexo, isto é, enquanto falo imaginário.

O eu é uma substância imaginária, são, antes de mais nada, imagens.

Segundo esclarecimento: não apenas são imagens — Lacan dizia que o eu tinha que ser entendido como uma cebola com cascas imaginárias, e eu acrescentaria: não apenas são imagens, como também no núcleo dessa cebola está o falo imaginário. O eu é um conglomerado de imagens e, no núcleo, no centro dessa cebola, está esse elemento que ainda não defini bem, esse objeto curioso a que chamamos falo imaginário, com o qual o eu se identifica. O essencial no eu é que o eu é, essencialmente, o falo imaginário. Isso tem grande importância para mim com respeito ao olhar.

Pergunta: (inaudível)

Juan-David Nasio: A questão da relação com a imagem, dando conta do movimento, é fundamental no problema do olhar.

Material com direitos autorais







estou com a mão e o corpo diferentes"? Que acontece aí, qual é a relação com a imagem?

Eu diria que é uma relação — seria preciso trabalhá-la, seria preciso pensá-la — que, de qualquer modo, não corresponde exatamente à definição rigorosa que estamos dando do sentido como sentido sexual, tomando como referência que o sentido é o efeito produzido na relação do eu com uma imagem pregnante, sob a condição de que esteja incluído num meio simbólico. Tradução de Lacan: o sentido é aquele que se articula na relação do simbólico com o imaginário.

Passemos à significação; a significação é outra coisa. A significação inconsciente, além disso, é uma expressão que eu hesitei em escrever, porque não me parecia a mais exata, mas, na primeira página, é difícil dizer exatamente o que se está pensando, isso pode ser feito perto do final. Escrevi significação inconsciente, mas a expressão exata seria: quando escuto, tenho uma imagem que surge quando escuto a significação inconsciente do que eu disse. Que é a significação inconsciente do que eu disse? É uma frase que merece correção: a significação inconsciente não está na significação das palavras, nem tampouco na significação inconsciente do sonho; não, a significação inconsciente, em Lacan, é sinônima de sujeito do inconsciente, é o efeito que se produz quando há um encontro, ligação, vínculo entre um significante e outro significante; ou seja, a significação é uma questão fundamentalmente do simbólico, é um efeito do simbólico. Essas são boas distinções para se poder entender. Evidentemente, não há significação como efeito do simbólico quando não estão dadas as condições imaginárias, as condições reais etc. da realidade psíquica. Quer dizer, teremos que completar toda a estrutura, os componentes da realidade.

Então, a significação é uma história, é uma questão do simbólico; o sentido é o efeito da relação do simbólico com o imaginário. Em suma, o eu não percebe indistintamente uma imagem qualquer, mas seleciona apenas aquelas em que se reconhece, e, ao se reconhecer, tem o prazer ou o desprazer de se amar ou se odiar, isto é, de criar sentido. É por essa razão que ver — não olhar, ver — é sinônimo de prever, de imaginar o que se espera; ver é sempre esperar aquilo que se vai ver; não há surpresa no ver, porque se trata de algo que

Material com direitos autorais







ponto muitas das postulações de Freud retomam posições de Janet; não quero dizer com isso que haja coincidências, mas é extraordinário ler Janet e descobrir muitas posições que logo aparecem em Freud, inclusive, às vezes, frases muito próximas.

Esta frase que cito agora — "Quando estamos cegos na consciência, olhamos no inconsciente" — está num livro de Janet; ele o diz quase textualmente, e essa é uma expressão tomada por Freud em seu texto *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. Não sei se teremos tempo de falar do olhar na histérica, mas, em todo caso, Janet é uma fonte riquíssima para trabalhar esse problema.

Então, podemos dizer que o olhar não se confunde com a visão, mas é preciso a visão, até mesmo o grau extremo da visão, o grau de deslumbramento, o grau de ofuscação, o grau máximo de visão, para dizer: finalmente, aqui há um olhar.

Podemos afirmar, portanto, que, do mesmo modo que o inconsciente se atualiza nas falhas da linguagem, num lapso, por exemplo, do mesmo modo que o inconsciente está ali no lapso de linguagem, também o olhar institui-se nessas falhas da visão a que chamamos fascinação.

Repito: do mesmo modo que o inconsciente está no lapso, o olhar está nessa falha da visão, já não é uma falha da linguagem, é uma falha da visão a que chamamos fascinação. A fascinação é o modo como se atualiza, o modo como se manifesta a emergência de um olhar inconsciente. O olhar irrompe quando um resplendor fascinante recorta-se no fundo imaginário e estável da visão do eu. Mas, em que consiste essa imagem que fascina, em que consiste esse clarão? Que é essa imagem fascinante? Que é esse brilho capaz de concentrar em si toda a luz, de suprimir em seu favor as outras imagens visíveis? Tudo desaparece, todo o mundo imaginário desaparece, unicamente em favor desse foco luminoso. Que é essa imagem, que é esse brilho capaz de arrebatar o eu e fazê-lo perder tudo o que o caracteriza, capaz de fazê-lo perder o sentimento de alteridade, de unidade e de reconhecimento? Que é esse brilho onde vem surgir um olhar, e que outra imagem poderia ser ele, senão uma imagem transparente à luz, uma película transparente à luz, permeável à força luminosa da energia a que chamamos gozo, dessa

Material com direitos autorais













You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



































































sexual, carregado de intensa afetividade imaginária. Na criança e na mãe, esse falo imaginário é a versão, é a capa, é o representante do objeto *a*. Não é a imagem do objeto *a*. É o que cobre o objeto *a*, no limite entre o real e o imaginário desse mesmo objeto.

Então, temos três instâncias: o objeto *a*, as espécies sensíveis e, em seguida, essa imagem fálica particular, que é o mais próximo do que seria o gozo, o que o cobre, o mostra, o que traz em si a iluminação do objeto *a*.

Freud diz que o impulso da pulsão é constante. Que quer dizer? A meu ver, que o impulso da pulsão é constante porque a pulsão está constantemente excitada; e está constantemente excitada porque a pulsão não responde nunca, verdadeiramente, ao estímulo que a desperta; nunca. A pulsão nunca satisfaz realmente o estímulo, e por isso a pulsão não é um arco reflexo. Ela é concebida em Freud a partir do arco reflexo, mas é uma modificação, é uma patologia, é um arco reflexo de tipo patológico. Por quê? Um arco reflexo constitui-se de um estímulo e uma resposta. Um estímulo estira o braço, e a extensão do braço é a resposta ao estímulo; aqui, o arco reflexo está completo. Na pulsão, há estímulo; aqui, o arco reflexo está completo. Na pulsão, há estímulo e não há resposta; na pulsão, há respostas mediatas, parciais. A alucinação, o sonho, a fantasia, a sublimação são respostas parciais, mas nunca absorvem, apagam a centelha, jamais. Por isso é que a pulsão é constante, porque está constantemente excitada. Essa excitação não é uma excitação externa, como diz Freud, mas sim interna. Está constantemente excitada e não responde à excitação, e por isso a pulsão é constantemente excitada e constantemente mantida, em qualquer idade da vida, por isso a pulsão é independente do corpo. Porque se pode estar doente, velho, ser um bebê de três dias, coxo ou cego, e a pulsão está sempre lá.

Essa é a concepção ética da pulsão em Freud. Para Freud, a pulsão está presente em nós, independentemente das modificações fisiológicas do corpo, da idade, independentemente de qualquer modificação da vida externa do corpo. Essa pulsão é uma pulsão fora do corpo. Não se deve pensar a pulsão no corpo, mas fora do corpo. Por isso é que Lacan diz que o objeto *a* — que estamos abordando na versão de objeto da pulsão — é um objeto fora do corpo, porque

Material com direitos autorais







O próprio Lacan — e aqui me permito dissentir dele —, em muitos seminários, diz: "O que estamos fazendo é a pretensão de formalizar, de dar conta formalmente da análise, da experiência de analisar, de dar conta formalmente da análise. Por isso recorremos aos objetos topológicos, esses objetos topológicos vão contra a intuição e contra o imaginário."

Devo dizer que minha experiência me mostra outra coisa. Creio que esses objetos topológicos não vão contra o imaginário, mas modificam o imaginário. Eu não diria que esses objetos topológicos são a pretensão de cientificidade da psicanálise. O melhor que podemos esperar deles é que modifiquem nossa intuição, que nos obriguem a violentar a intuição, mas sabendo que a intuição não desaparecerá nunca. A intuição está ligada, justamente, ao falo imaginário, esse falo de que falamos hoje como (- φ). É o (- φ) que dá à intuição a força de ser um representante da imagem do corpo. Que é a intuição? É uma intuição fálica, e essa intuição fálica é poderosa, é difícil de violentar. Podemos forçá-la, podemos fazer algo assim como prepará-la, educá-la. Eu dizia há pouco que é preciso familiarizar-se, é preciso praticar, é preciso exercer certo tipo de proposições anômalas, para ter uma idéia da modificação. Quando digo isso, estou dizendo: ponham para trabalhar essa intuição fálica, façam-na se mexer, pratiquem-na, exercitem-na com proposições anômalas.

A topologia é uma enorme proposição anômala e supõe uma prática constante com os objetos topológicos, para se chegar a adquirir uma certa maneira de tratar os enunciados analíticos e a experiência do trabalho com os pacientes.

Numa palavra, enquanto Lacan diz "topologia para formalizar e para anular a intuição", eu prefiro dizer: topologeria para nos familiarizarmos com ela, praticá-la com as mãos, com a tesoura, com os papéis, com as maquetes, com as cores, tocá-la, vê-la, rasgar, cortar etc. Trabalhá-la com o corpo e, então, ver que a intuição não desaparece, mas se modifica. Muda de aspecto — não muito, pouco, mas há uma modificação.

Último ponto importante nestas observações preliminares: será preciso que o psicanalista conheça topologia? Será preciso fazer topologia para ser psicanalista? A resposta que dou é: se respondo

Material com direitos autorais







Ter passado o olho para a tela é uma pequena maneira de lhes mostrar, de fazê-los sentirem que o olho, a fenda palpebral, confunde-se com o sexo, com a fenda fálica do Outro. A fenda palpebral, no momento do olhar, da constituição do olhar, no momento da fascinação, é a versão clínica daquela, é sua formação manifesta. O olho está no quadro, a fenda palpebral está no quadro. Eu poderia ter dito: meus olhos estão no quadro e o sexo do quadro, a fenda fálica do quadro, está em meus olhos.

Há um minuto, dissemos: as duas fendas fálicas têm que andar num ritmo comum, numa cadência comum e num pulsar comum. Também posso dizer: na realidade, as duas são tão comuns que são uma só. É como se eu voltasse atrás. Em vez de dizer que as duas fendas fálicas, a da criança e a da mãe, estão em cadência, também posso dizer: os olhos estão no quadro, e o sexo, a fenda fálica do Outro, está em meus olhos. São imagens diferentes para explicar esse ponto de constituição.

Se digo que as duas fendas fálicas estão no mesmo ritmo, isso é o mesmo que eu dizer: meus olhos estão no quadro, na luz do quadro; dá na mesma.

Então, a primeira coisa que fiz foi tirar os olhos, colocá-los no Outro e mostrar que o sexo do Outro confunde-se, em meus olhos, com a fenda palpebral, e que a fenda palpebral confunde-se com os olhos.

Assim é que, nesta frase de *História do olho*, Bataille diz: "Vi exatamente na vagina peluda de Simone o olho azul pálido de Marcelle, que me olhava chorando lágrimas de urina." É impressionante, é muito forte, é até muito mais forte do que o que estamos dizendo, porque põe três personagens. Três, topologicamente, constitui algo impossível; não se pode dar conta, topologicamente, de uma frase assim. São três: já não é o olho do sujeito que está na vagina do Outro, mas o que está na vagina do Outro, e que é sujeito, é o olho de Outro. É na vagina peluda de Simone — do Outro — que vejo os olhos de Marcelle, mas sou eu que estou olhando, porque há um personagem, além disso, que está falando do Outro.

Estamos neste pedaço: continuamos com a face auto-erótica e alo-erótica, mas já aqui alguém pode dizer: mas, se os olhos passam para defronte, isso já deixa de ser auto-erótico, uma vez que meus

Material com direitos autorais







segunda definição é o objeto que causa. É o objeto-causa ocasional, excêntrica, que define o circuito da pulsão. Aqui, o objeto é o que se desprende, o que está no centro desta banda. Essa é uma primeira versão. É como dizer: muito bem, este é o circuito do olhar, o senhor nos mostra o auto-erótico/alo-erótico, o olhar-se/olhar/ser olhado, mas onde está o olhar?

Resposta: o olhar é o furo que causa esse circuito. Então, poderíamos materializar isso colocando-o no centro, neste furo do meio da banda. Digo que este é um furo que existe porque a banda está em três dimensões, porque, se a banda estivesse em duas dimensões — como teria que ser —, não existiria o furo. Este furo é um fenômeno devido às três dimensões.

Uma petição, uma resposta melhor: se tivéssemos esta banda em outro tipo de objeto que a complementasse, um disco. Trata-se de colar um disco em toda a borda da banda. Vamos fechá-la, ela é aberta, mas nós a fechamos. Retiremos a borda, colemos um disco. Então, isso quer dizer que o objeto *a* é um disco que se cola à borda da banda.

Qual é o olhar? Segunda definição do olhar: é a causa etc. Eu diria: assim, tal como o temos, e com um disco que se cola na borda da banda, para não ter que falar do furo que está no meio. Mas também não gosto disso. É uma definição exata, correta, mas poderia ser melhor. Passemos a outra.

Aqui, continuamos com a mesma situação: o Outro da tela; a banda de Moebius, colada e suspensa no Outro; esfoliação do quadro. E tudo o que fiz foi — já que a linha auto-erótica e alo-erótica são uma mesma coisa, e preciso continuar a diferenciá-las — centrá-las no centro.

Que estou fazendo? Estou fazendo uma redução. Como toda demonstração é um processo de redução, formalizo e constato que os dois percursos constituem uma única linha, que se chama linha mediana da banda de Moebius. Mantenho aqui minha fenda fálica na criança — a original. A criança converteu-se, aqui, na banda de Moebius; o quadro continua como quadro, por enquanto, e o olho da criança é confundido com a fenda fálica no Outro [p.122].

Que foi que eu fiz? Centralizei isto para demonstrar. Foi um aperfeiçoamento do que dissemos da situação anterior, auto-erótica/alo-erótica.

Material com direitos autorais







erros, com esquecimentos, em três dimensões. São dois espaços, dois universos completamente diferentes, e penso efetivamente que, da mesma maneira que esse branco, esse umbigo no desenho de Escher, o mesmo aconteceu quando Freud abordou o sonho. Podemos dizer que a pulsão escópica no olhar está como que acionando o sonho.

Vamos, então, à outra etapa. Esta quarta etapa [ver p.124] mostra a materialização do quadro de Escher. Nós a temos aqui em duas bandas de Moebius coladas, uma que é o que era a criança, e outra, o que era a mãe; uma que era o eu vidente, que se converteu em sujeito escópico inconsciente, e a outra banda, que é o Outro-tela. O quadro de Escher corresponderia a essas duas bandas coladas. O ponto de aderência das duas é a fenda fálica, que agora se reduz a uma só, já que estamos autorizados a fazer equivalências. Na realidade, encontro-me com uma única linha pulsional, já que a linha auto-erótica/alo-erótica desapareceu e não há mais dentro e fora, e há uma única fenda fálica.

Quero dizer-lhes que a colagem das duas bandas já não se pode fazer senão rasgando uma das bandas: é preciso cortar, já que a banda — essa é uma propriedade topológica — não pode colar-se, não se pode colocar uma em cima da outra. Aqui, nesta montagem, há uma armadilha que vocês não vêm, uma banda cruza, isso é uma colagem; há um ponto cruzado de uma banda sobre outra. Não sendo dessa maneira não se pode fazê-lo, não se podem colar duas bandas de Moebius sem esse truque.

Depois que cheguei a esse momento da demonstração, percebi que duas bandas de Moebius tinham um nome, uma equivalência na topologia; duas bandas de Moebius equivalem ao que se chama "a garrafa de Klein" [ver p.125].

Vocês estão vendo esta garrafa de Klein que tenho aqui [p.123]. Se eu cortar esta garrafa com uma serra, não de qualquer maneira, mas de um certo modo, terei, ao cortá-la, duas bandas de Moebius.

Entendamo-nos: esta garrafa que tenho na mão, este objeto, na realidade, teoricamente, corresponde a duas bandas de Moebius. Se eu pegar uma serra e cortar este objeto em dois, não terei duas bandas na mão; teoricamente, isso corresponde a duas bandas. No tratamento do sujeito topológico, é sempre preciso fazer essa dis-

Material com direitos autorais







Discurso escópico

$$\frac{\text{fenda}}{\text{sujeito escópico inconsciente}} \qquad \frac{\text{Outro-tela}}{\text{olhar}}$$

Posso escrever assim o sujeito escópico inconsciente e o olhar, uma vez que o sujeito escópico da segunda etapa é a banda, e eu disse que o olhar era o que estava no meio. Depois, eu disse: não, é melhor colocar um disco, o disco que cobre a banda é uma materialização do que poderia ser o olhar. O olhar estava no meio, no meio como aquilo que sustenta o discurso. Neste ponto, estamos na segunda definição do olhar, faltam-me duas.

A segunda definição do olhar consiste em que ponho um disco e faço com que o olhar seja o disco que cobre a banda ao redor de sua borda. Então, entre o sujeito escópico inconsciente e o disco está a borda, que é o circuito duplo.

Discurso escópico

$$\frac{\text{fenda}}{\text{sujeito escópico inconsciente}} \qquad \frac{\text{Outro-tela}}{\text{olhar}}$$

duplo círculo
pulsional ou do desejo

Entre o sujeito escópico inconsciente e o olhar estão as duas voltas, que também posso fazer com um losango. Constato que, na parte inferior, o sujeito escópico inconsciente está ligado, no fim, a um losango que é equivalente à volta dupla.

Discurso escópico

$$\frac{\text{fenda}}{\text{sujeito escópico inconsciente}} \qquad \frac{\text{Outro-tela}}{\text{olhar}}$$



Posso chamá-lo de circuito pulsional ou posso chamá-lo de circuito do desejo. Tudo isso se chama discurso escópico. Ou seja,

Material com direitos autorais







e dilatação do orifício da fenda fálica, o que seria, neste caso, a fenda palpebral.

Gostaria, agora, de fazer uma observação sobre a criança autista. A teoria atualmente dominante sobre as crianças autistas diz que elas estão envoltas numa espécie de capa que é preciso romper. Meltzer, que estudou muito essa questão, em certo momento, propõe que o melhor trabalho que se pode fazer com uma criança autista é encontrar a boa linha de corte.

Se Meltzer leu Lacan — e deve tê-lo feito —, terá encontrado muitíssimas vezes esta frase — por exemplo, no seminário *Problemas cruciais para a psicanálise* — onde Lacan diz: "Aquele que sabe recortar corretamente o objeto do desejo, esse é, verdadeiramente, um mestre no desejo."

Eu penso de outra maneira, com a experiência aparentemente abstrata, topológica, de uma imagem e uma figura que está presente quando se está diante de uma criança autista. Frente à criança autista — pareceu-me, e isso surgiu num trabalho que eu fazia com um autista e em supervisões de casos de crianças autistas —, pareceu-me interessante pensar, não no corte, mas em criar uma fenda, criá-la onde ela não existia, e não criá-la com uma tesoura. Não em criá-la, como diz Meltzer, cortando pela boa linha que faria falta, mas criando uma fenda como uma espécie de salto, de emissão libidinal por parte do analista.

Vocês estão lembrados de que a pulsão sexual é sexual porque nasce com base num orifício sadio, num orifício destinado a razões fisiológicas; o orifício palpebral serve para ver, mas é com base nesse orifício palpebral que serve para ver que nasce, que surge a pulsão escópica; o mesmo acontece com o ouvido, a boca etc. É isso que Freud chama de apoio. A pulsão sexual apóia-se nas pulsões de autopreservação. É como uma pista de aterrissagem.

Então, digo a mim mesmo que, com a criança autista, o que é preciso não é falar: o que se precisa fazer é criar a boca. Não fazer um corte, como faz o analista com o paciente neurótico numa sessão, mas criar na criança lugares de relevo, criar pregas, criar movimentos ondulatórios, e não cortes.

Freud nos diz: com base nos orifícios normais, fisiológicos, nasce a sexualidade; eu diria: usemos a sexualidade do analista para que

Material com direitos autorais







A percepção endopsíquica seria aquilo que ocorre no momento da emergência de uma imagem escópica, essa imagem em que o analista é o lugar nele que se olha, o lugar onde ocorre o olhar, e o que ocorre é a percepção do inconsciente que se percebe, do inconsciente que percebe o inconsciente. Isso exige, evidentemente, um esforço de abstração enorme para ser aceito, mas, mesmo sem esforço de abstração, podemos pensar em quais coisas olharam para coisas. Eu lhes dizia antes: façamos o esforço de ver o olho no ânus, a boca nos olhos; façamos agora o esforço de ver que partes do corpo percebem partes do corpo, como se o esôfago estivesse percebendo o pulmão, quase coisas desse estilo, só que estamos falando do psíquico. Inclusive, Freud falou não só de percepção endopsíquica, como disse textualmente que a percepção endopsíquica de um sistema por outro sistema está na base, na origem da construção da teoria metapsicológica, e não apenas dela, mas está também na origem de toda a teoria analítica, e até na base do mito e, às vezes, nos delírios.

Freud diz que os mitos, os delírios, as teorias e, em particular, a teoria metapsicológica, são o produto de uma operação endopsíquica, autoperceptiva. Isso quer dizer que, quando alguém me pergunta: "Mas, diga-me, sua teoria nasce da experiência? Essa teoria do circuito pulsional nasceu da experiência de Freud com seus pacientes?", eu responderia que nasceu da experiência de Freud com seus pacientes, sim, mas essa teoria nasce de uma relação autoperceptiva, endopsíquica, que se manifesta na produção da teoria.

Quando se lê Freud, e ele diz isso na *Psicopatologia da vida cotidiana*, constata-se que a metapsicologia é produto de uma operação perceptiva endopsíquica, e não produto da experiência com os pacientes. Então, seria possível acrescentar: sim, é o fruto da experiência com os pacientes, porque, na experiência com os pacientes, pode dar-se essa experiência de percepção endopsíquica que vai dar lugar à teoria metapsicológica.

Antes de terminar, eu gostaria de lhes expor minha tese: o olhar inconsciente do psicanalista é uma autopercepção endopsíquica; é aí, nessa autopercepção endopsíquica, que se articula a produção dessa emissão turbulenta, vamos chamá-la assim.

Material com direitos autorais





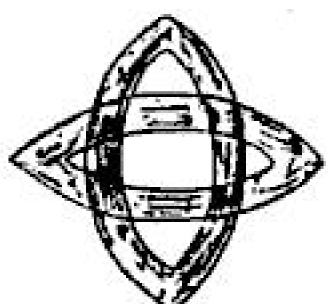


TERCEIRA ETAPA III

Vaivém pulsional

1 único fecho:

- Desaparecimento da diferença entre os dois fechos
- Desaparecimento da distinção entre auto-erotismo e alo-erotismo



Olho = sexo do Outro

"Vi exatamente na vagina peluda de Simone o olho azul pálido de Marcelle, que me olhava chorando lágrimas de urina."
Georges Bataille, *História do olho*.

Material com direitos autorais





Este livro retoma a teoria freudiana da pulsão escópica, onde o jogo das três vozes — ativa, reflexiva e passiva — se exerce nos três tempos da pulsão: olhar, olhar-se, ser olhado. Nasio sublinha a fascinação, o que cega pelo foco de luz que vem do Outro. E, na linguagem acessível que lhe é característica, propõe ainda a tese de que o olhar do psicanalista é uma autopercepção endopsíquica, isto é, aquilo que ocorre no momento da emergência de uma imagem escópica, quando o próprio inconsciente percebe o inconsciente.

LEIA DO MESMO AUTOR:

A Alucinação

Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan

Como Trabalha um Psicanalista?

Os Grandes Casos de Psicose

A Histeria

Lições sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise

O Livro da Dor e do Amor

O Olhar em Psicanálise

O Prazer de Ler Freud

Um Psicanalista no Divã

Psicossomática

ISBN 85-7110-303-8
9 788571 103030

J·Z·E Jorge Zahar Editor

Material com direitos autorais